

Exclamativas e interrogativas com ‘ques’ em português brasileiro dialetal*

Bruna Karla Pereira*

Resumo

Neste artigo, examinam-se exclamativas e interrogativas que contêm o determinante ‘ques’, em dialetos do português do Brasil. Diferentemente do português padrão, nessas estruturas, ‘que’ é o único constituinte do DP marcado com o morfema ‘-s’ de plural. Para explicar esses fatos, propõe-se uma análise não apenas da hierarquia do CP/DP na qual ‘ques’ se insere, mas também da distribuição do morfema de plural no DP. Para a derivação sintática, assume-se, seguindo propostas vigentes, que ‘ques’ é um determinante e, portanto, um núcleo D. No que se refere à estrutura sentencial, o DP ao qual ‘que’ pertence passa por movimento *wh* tanto da posição de argumento interno do VP quanto da posição de predicado de uma *small clause* para o domínio do CP. Em ambos os casos, o movimento se dá por força ilocucionária. Para a distribuição do morfema de plural, assume-se que o cardinal divide o DP em dois domínios, sendo que sintagmas à sua esquerda são marcados com o morfema de plural, enquanto sintagmas à sua direita são não marcados. Como resultado, porque ‘ques’ é o único item mais alto que o cardinal nessas estruturas, ele é o único marcado com o morfema de plural. Portanto, desenvolve-se uma análise capaz de explicar: primeiramente, a estrutura oracional (CP) à qual o DP contendo ‘ques’ pertence; posteriormente, a hierarquia do DP; e, finalmente, a distribuição do morfema de plural na estrutura interna do DP.

Palavras-chave: ‘Ques’. CP. Movimento *wh*. DP. NumP.

* Este artigo é uma versão traduzida e resumida de: PEREIRA, Bruna K. Exclamatives and interrogatives with ‘ques’: the CP/DP hierarchy and the plural marking in Brazilian Portuguese. *Signótica*, v. 28, n. 2, p. 581-611, 2016. **Agradecimentos:** Esta pesquisa recebeu o apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Ministério da Educação, Brasília - DF, CEP 70.040-020), sob o registro 0751/2015-04, no programa de Pesquisa Pós-Doutoral no Exterior, e foi desenvolvida no Massachusetts Institute of Technology (MIT), Cambridge, Massachusetts, USA, entre os anos de 2015 e 2016.

** Doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com período na University of Cambridge. Professora adjunta na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: brunaufmg@yahoo.com.br. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-4958-8621>>.

Exclamatives and interrogatives with ‘ques’ in dialectal Brazilian Portuguese

Abstract

This paper examines exclamatives and interrogatives containing the wh-determiner ‘ques’ in dialectal Brazilian Portuguese. As opposed to standard BP, in these structures, ‘que’ is the only constituent of the DP marked with the plural morpheme. In order to explain these facts, I will propose an analysis that accounts for the CP/DP-internal hierarchy as well as the DP-internal distribution of the plural morpheme. As for the syntactic derivation, I assumed, following current proposals, that ‘ques’ is a determiner, and therefore it is a D-head. With regard to the sentential structure, the DP to which ‘que’ belongs undergoes wh-movement from either the VP-internal argument position or the predicate position of a small clause to the CP-domain. In both cases, the movement is driven by illocutionary force. As for the distribution of the plural morpheme, the cardinal numeral divides the DP into two domains, such that the phrases on its left are marked with plural, whereas the phrases on its right are unmarked. As a result, because ‘ques’ is the only item higher than the numeral in these structures, it is the only one marked with the plural morpheme. To conclude, this paper carries out an analysis that accounts for: firstly, the clausal structure (CP) to which the DP containing ‘ques’ belongs; secondly, the DP-internal hierarchy; and, finally, the DP-internal distribution of the plural morpheme.

Keywords: ‘Ques’. CP. Wh-movement. DP. NumP.

Recebido em: 10/04/2020

Aceito em: 15/07/2020

Introdução

Neste artigo, analisam-se exclamativas e interrogativas nas quais ‘que’ é marcado com o morfema ‘-s’ (1a, 2a) de plural, em português brasileiro (PB) dialetal, em contraste com o PB padrão (1b, 2b) no qual ‘que’ não se flexiona em número.

- (1) a. Ques paisagem bonita! (Ouro Branco, março de 2016)¹
b. Que paisagens bonitas! (Adaptado de (1a))
- (2) a. Ques ferramenta você usou? (Belo Horizonte, abril de 2014)
b. Que/Quais ferramentas você usou? (Adaptado de (2a))

De modo a investigar o tipo de estrutura exemplificado em (1a) e (2a), que é bastante produtivo no dialeto falado em Minas Gerais,² este artigo explica as operações sintáticas responsáveis por derivar tais estruturas, especificamente no que diz respeito: ao movimento *wh* do DP contendo ‘ques’ (seção 1) e à distribuição do morfema de plural no interior do DP (seção 2).

Assim, a seção 1.1 estabelece uma comparação entre ‘que’ e ‘qual’ em exclamativas e interrogativas para assumir que ‘que’ é um determinante, seguindo Vidor e Menuzzi (2004) e Nunes (2007). Como determinante, ‘que’ é valorado (CHOMSKY, 2001) com traços de número em PB dialetal. Além disso, para explicar a ordem dos constituintes no DP, considera-se a hierarquia do DP, tal como descrita em Cinque (2005).

Por sua vez, a seção 1.2 oferece uma análise paralela àquela feita por Kato (2007), para *small clauses*, e àquela feita

¹ Dados de fala espontânea são referidos neste artigo com local (cidade) e data (mês e ano) de produção. Eles foram coletados, nos últimos anos, no estado de Minas Gerais (MG), como parte desta pesquisa.

² De acordo com Nunes (2007), alguns dialetos de estados vizinhos a Minas Gerais, como Goiás, também têm esse padrão.

por Mioto (2001), para questões *wh*. A fim de explicar como o DP fica invertido na ordem sentencial linear, propõe-se que, na exclamativa (1a), o DP se move da posição de predicativo de uma *small clause* para o domínio do CP. Semelhantemente, na interrogativa (2a), ele se move da posição de argumento interno do VP.

Além disso, a seção 2.1 adota a proposta de Danon (2011) e Norris (2014) sobre cardinais, que são analisados como uma fronteira para distribuição dos traços de número no interior do DP. Com base nessa predição, evidencia-se que a posição do numeral cardinal (NumP), em PB não padrão, divide o DP em dois domínios, sendo que sintagmas à sua esquerda são marcados com o morfema de plural, enquanto sintagmas à sua direita são não marcados.

Finalmente, a seção 2.2 aplica essa proposta aos dados sob investigação a fim de explicar por que ‘ques’, em PB dialetal, é marcado com o morfema de plural, enquanto os outros elementos do DP não são.

Em suma, considerando as estruturas em (1a) e (2a), este artigo investiga: de um lado, a sua derivação sintática tanto no domínio do DP quanto no domínio do CP; e, de outro lado, a distribuição do morfema de plural na hierarquia do DP.

1 A derivação sintática

Esta seção, primeiramente, tem como foco o estatuto de ‘que’ como um determinante *wh*, tanto em interrogativas como em exclamativas (1.1), e, posteriormente, propõe uma análise da estrutura sintática à qual ele pertence (1.2).

1.1 O determinante *wh* em exclamativas e interrogativas³

Vidor e Menuzzi (2004) estendem a análise de Rapposo (1998 *apud* VIDOR; MENUZZI, 2004) de pronomes ‘o’ (tais como ‘o’, ‘a’, ‘os’ e ‘as’) do português como determinantes (3) ao ‘que’ interrogativo (4).

- (3) a. ... mas só compraria [_{DP} [_D o] [_{NP} carro vermelho]].
(VIDOR; MENUZZI, 2004, p. 2)
- b. ... mas só compraria [_{DP} [_D o] [_{NP} [_N pro] vermelho]].
(VIDOR; MENUZZI, 2004, p. 2)
- c. ... mas não [_{DET} o]_i compraria [_{DP} [_D t_i] [_{NP} [_N pro]]].
(VIDOR; MENUZZI, 2004, p. 2)
- (4) a. [_{DP} [_D Que] [_{NP} tipo de coisa]] o João faz pra agradecer a Maria? (VIDOR; MENUZZI, 2004, p. 7)
- b. [_{DP} [_D Que] [_N pro]] fez o João pra agradecer a Maria?
(VIDOR; MENUZZI, 2004, p. 7)

Conforme explicado por Vidor e Menuzzi (2004), na gramática tradicional, ‘o’ é: um artigo definido em (3a); um pronome demonstrativo em (3b); e um pronome pessoal em (3c). Em contraste, Rapposo (1998 *apud* VIDOR; MENUZZI, 2004) propõe que todas essas três ocorrências de ‘o’ são determinantes. Em (3a), ‘o’ é D em uma sequência [DP [NP [AP]]] na qual todos os constituintes estão explícitos; enquanto, em (3b), N está elíptico. Em (3c), D alçou de sua posição de origem e se adjunziu a I. Nessas três situações, assume-se que ‘o’ é uma forma proclítica que precisa de um hospedeiro. Em

³ Esta seção desenvolve, complementa e amplia o que aparece em Pereira (2014).

(3a), seu hospedeiro é o nome; em (3b), o adjetivo; e, em (3c), o verbo. Neste caso, devido ao fato de que não há hospedeiro no domínio do DP, assume-se que ‘o’ alça para I onde ele encontra um hospedeiro verbal e obtém Caso acusativo. Portanto, em português europeu (PE), ‘o’ é uma forma proclítica.

Vidor e Menuzzi (2004) estendem a análise de Rapposo (1998 *apud* VIDOR; MENUZZI, 2004) de ‘o’ (3) para o ‘que’ (4) interrogativo em PB. Em (4a), ‘que’ está exatamente na posição de ‘o’ precedendo o nome em uma sequência [DP [NP]]; enquanto, em (4b), N está elíptico. Além disso, em (4), ‘que’ é uma forma fraca, por ser pronunciado como [ki], em vez de [kê].⁴ De acordo com os autores, a forma [ki] é proclítica e, como tal, deve preceder um hospedeiro. Em (4a), seu hospedeiro é o nome, e, em (4b), o verbo. Em relação a (4b), os autores argumentam que, na falta de um hospedeiro, ‘que’ alça da posição de argumento interno para o CP a fim de checar traços interrogativos *wh*. Depois de se mover, ele adquire então um hospedeiro verbal.

Uma outra fonte de evidência para descrever ‘que’ como determinante vem do fato de ‘que’ (5b) poder aparecer exatamente na mesma posição de artigos indefinidos (5a) em exclamativas.

- (5) a. Uma droga aquele programa de televisão! (SIBALDO, 2011, p. 231)
b. Que droga aquele programa de televisão! (Adaptado de (5a))

⁴ Vidor e Menuzzi (2004) também observam que, embora a forma ‘que’, em (4b), pronunciada como [ki], seja um determinante, a forma ‘que’, em (i), abaixo, pronunciada como [kê], é um nome: “‘que’ em ‘o que’ ocupa uma posição de N” (VIDOR; MENUZZI, 2004, p. 13). Eles apontam que, neste caso, ‘que’ pode ser precedido pelo determinante ‘o’. Então, [kê] não é proclítico nem é determinante.

(i) (O) que a Maria fez para agradecer o João?

Mais precisamente, Nunes (2007) se refere a ‘que’, em (6), explicitamente como determinante:

- (6) a. Ques livro você comprou? (NUNES, 2007, p. 31)
- b. Mas ques coisa interessante! (NUNES, 2007, p. 31)

Além disso, Vidor e Menuzzi (2004) assumem que, diferentemente do pronome interrogativo ‘qual’, ‘que’ carece de traços de número em PB padrão, porque ‘qual’ se flexiona (‘quais’), mas ‘que’ não. Do mesmo modo, *which* e *what* do inglês, em (7), não se flexionam e são analisados como sendo D:

They certainly seem to serve one of the syntactic-semantic functions of determiners in English in that their presence is enough to license the use of a singular count noun. They are ‘wh’ because the DPs they head undergo wh-movement just like a wh-pronoun (NORRIS, 2014, p. 47-48).⁵

- (7) a. [Which/what man] did you see at the store? (NORRIS, 2014, p. 47)
- b. I wondered [what/which vase] he broke. (NORRIS, 2014, p. 47)

Entretanto, para o PB dialetal, não se pode assumir que ‘que’ não tenha traços de número. Com efeito, em (1a), (2a) e (6), ‘que’ é o único item no DP que possui marca morfológica de plural ‘-s’.

Para analisar a flexão do determinante em (1a), (2a) e (6), vale mencionar que ‘ques’ [kis] (usado no lugar de ‘que’ padrão - 1b), em exclamativas (1a), e ‘ques’ [kis] (usado no lugar de ‘quais’ - 8b), em interrogativas (8a), são homófonos.

⁵ “Eles certamente parecem ter uma das funções sintático-semânticas de determinantes em inglês, no sentido em que a presença deles é suficiente para licenciar o uso de um nome contável no singular. Eles são *wh* porque os DPs dos quais eles são núcleos passam por movimento *wh* exatamente como um pronome *wh*” (NORRIS, 2014, p. 47-48, tradução nossa).

- (8) a. [Ques menina bonita]_i você conhece t_i? (‘ques’ no lugar de ‘quais’⁶)
b. [Quais meninas bonitas]_i você conhece t_i?

Portanto, porque ‘ques’ e ‘quais’ têm exatamente a mesma pronúncia [kis] em PB não padrão, parece que, por meio de analogia⁷ (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; ROBERTS; ROUSSOU, 2003), ‘ques’ exclamativo espelha a flexão de ‘quais’. Em outras palavras, o falante parece entender que, se [kis] é a forma plural do item wh ‘qual’ em (8a), uma sentença interrogativa, então [kis] (‘ques’) deve ser a forma plural do item wh ‘que’ tanto nas interrogativas (9a) quanto nas exclamativas (9b). Em consequência, a capacidade que ‘qual’ possui de ter flexão é transferida através de [kis] a ‘que’, que é reanalisado⁸ como determinante *wh* com traços- ϕ de número.

- (9) a. Ques menina bonita é essas? De onde elas vêm? (‘ques’ no lugar de ‘que’ interrogativo)
b. Ques menina bonita (é essas)! (‘ques’ no lugar de ‘que’ exclamativo)

6 Em (8a), ‘ques’ pode também ser interpretado como a versão não padrão do interrogativo padrão ‘que’ (i):

(i) [Que meninas bonitas] você conhece t_i?

7 Hopper e Traugott (2003) explicam que analogia é um processo pelo qual:

1) “new paradigms come into being through formal resemblance to already established paradigms. (An example of analogy in recent English would be the replacement of the plural *shoen* by *shoes* through analogy to such established plurals as *stones*.)” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 22).

“novos paradigmas surgem por meio de semelhança formal entre paradigmas já estabelecidos. (Um exemplo de analogia, em inglês recente, seria a substituição do plural *shoen* por *shoes* por meio de analogia com plurais estabelecidos como *stones*.)” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 22, tradução nossa).

2) “irregularities in grammar, particularly at the morphological level, were regularized. The mechanism was seen as one of ‘proportion’ or equation. Thus, given the singular-plural alternation *cat-cats*, one can conceive of analogizing *child-children* as *child-childs* (as indeed occurs in child language)” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 54).

“irregularidades na gramática, particularmente no nível morfológico, foram regularizadas. O mecanismo foi visto como de ‘proporção’ ou equação. Assim, dada a alternância singular-plural *cat-cats*, pode-se conceber a analogia entre *child-children* e *child-childs* (como de fato ocorre na linguagem infantil)” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 54, tradução nossa).

8 Hopper e Traugott (2003, p. 68) explicam que: “Reanalysis essentially involves linear, syntagmatic, often local, reorganization and rule change. It is not directly observable. On the other hand, analogy essentially involves paradigmatic organization, change in surface collocations, and in patterns of use. Analogy makes the unobservable changes of reanalysis observable”.

“A reanálise essencialmente envolve reorganização geralmente local, sintagmática e linear bem como mudança de regra. Ela não é diretamente observável. Por outro lado, a analogia envolve essencialmente organização paradigmática, mudança em disposições de superfície e em padrões de uso. A analogia torna observáveis mudanças inobserváveis da reanálise” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 68, tradução nossa).

Portanto, ‘que’, em PB padrão, é similar a ‘quão’ (10), pois não possui traços- ϕ , enquanto ‘que’, em PB não padrão, é semelhante a ‘qual’ (11), pois possui traços de número.

- (10) a. Quão maravilhosas são as tuas obras!⁹
b. Quão seguras estão nossas informações pessoais?¹⁰
- (11) a. São quais regalos para a alma e o coração!¹¹
b. Quais alegrias você teve?¹²

Um outro aspecto da relação entre interrogativas e exclamativas é que, em alguns casos (12), elas podem ter a mesma estrutura sintática, embora diferentes forças ilocucionárias (ZANUTTINI; PORTNER, 2003). Isso ocorre em (9a) e (9b) em que o DP *wh* se move para o domínio do CP tanto na exclamativa (9b) quanto na interrogativa (9a). Em (8), ele alça da posição de argumento interno do verbo ‘conhecer’; em (9), do predicado de uma *small clause*, conforme será discutido na seção seguinte.

- (12) Isn't he the cutest thing! (ZANUTTINI; PORTNER, 2003, p. 3)

Finalmente, vale mencionar que, de um ponto de vista histórico, a flexão de ‘ques’ não é exatamente uma inovação. Dados abaixo dos séculos XIV a XIX, disponíveis na base de dados **Corpus do Português** (DAVIES; FERREIRA, 2006), mostram ocorrências de ‘que’ flexionado no plural. Na maioria dos dados, especialmente nos séculos mais pretéritos, como

9 Disponível em: <<http://bibliaportugues.com/psalms/92-5.htm>>. Acesso em: 4 maio 2016.

10 Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/tecnologia/quao-seguras-estao-nossas-informacoes-pessoais/109830/>>. Acesso em: 4 maio 2016.

11 Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=3628322>>. Acesso em: 4 maio 2016.

12 Disponível em: <<https://www.trabalhosgratuitos.com/Outras/Diversos/METODOLOGIA-DE-ALFABETIZA%C3%87%C3%83O-516138.html>>. Acesso em: 4 maio 2016.

observado em (13a) e (13b), ‘ques’ é um nome, precedido por um determinante. Porém, em alguns dados, especialmente nos séculos mais recentes, como observado em (13c), ‘ques’ parece ocorrer como um D propriamente, precedendo um nome, em sentenças exclamativas.

- (13) a. As virtudes teologaes sã tres [...] ffe esperãça & caridade das **ques** as duas acabã neste mûdo. (Século XIV, DAVIES; FERREIRA, 2006)
- b. [...] encherse a Lusitania de Romanos, contra os **ques** se levantaraõ os Lusitanos. (Século XVII, DAVIES; FERREIRA, 2006)
- c. Que tempo eu [...] não venho! [...] ‘**Ques**’ dias não é preciso aqui vir [...] para tirar um litro em cada taleigo! (Século XIX, DAVIES; FERREIRA, 2006)

Em resumo, nesta seção, assumiu-se que ‘que’ é um determinante capaz de licenciar traços de número em PB dialetal. Em contraste com ‘que’, ‘qual’ se flexiona tanto em PB padrão quanto em PB não padrão. No entanto, a pronúncia de ‘quais’ e ‘ques’, em PB não padrão, é exatamente a mesma [kis], o que desencadeia a reanálise de ‘que’ como um item apto a se flexionar em número. Esse comportamento parece ser esperado, pois ‘ques’, com flexão de plural, é encontrado no português antigo. Dessa forma, a próxima seção examina a derivação sintática dessas estruturas no que diz respeito ao movimento do DP *wh* para o domínio do CP.

1.2 Movimento do DP contendo ‘ques’

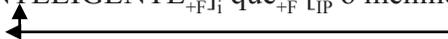
É dado que, em (2a), o DP contendo ‘ques’ é o argumento interno do verbo, que alça para o CP, por meio de movimento *wh*. Nesta seção, propomos que o DP, em (1a), é o predicado de uma *small clause* e que ele se move dessa posição para o CP de modo a checar força ilocucionária.

Em *small clauses* livres do PB, há “justaposição de um predicado e seu sujeito, nessa ordem, sem nenhum verbo nem nenhuma morfologia de tempo na superfície” (SIBALDO, 2011, p. 231). Por exemplo, em (15a), o predicado “inteligente” e o sujeito “este menino” aparecem um depois do outro, sem a presença da cópula.

De acordo com Kato (2007, p. 110), “adult small clauses in BP are ordinary finite cleft sentences”¹³ (14a). Na análise da autora, o AP, predicado da *small clause*, move-se para uma projeção funcional situada acima do IP, como mostrado em (15b).

(14) a. É INTELIGENTE que o menino é. (KATO, 2007, p. 106)

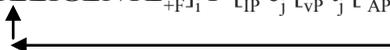
b. É [_{FP}[INTELIGENTE_{+F}]_i que_{+F} [_{IP} o menino é *t*_i]]].



(KATO, 2007, p. 107)

(15) a. [_{AP} Inteligente_{+F} [este menino]]. (KATO, 2007, p. 107)

b. [_{FP} [INTELIGENTE_{+F}]_i F [_{IP} é_j [_{VP} *t*_j [_{AP} *t*_i [este menino]]]].



(KATO, 2007, p. 107)

¹³ “small clauses em adultos no PB são sentenças finitas cindidas comuns” (KATO, 2007, p. 110, tradução nossa).

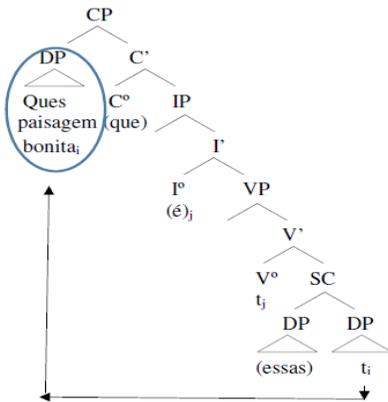
Considerando isso, propomos que, em (1a), repetido abaixo como (16a), o DP ‘ques paisagem bonita’ é o predicado de uma *small clause*. Além disso, essa *small clause* tem, na sua posição de sujeito, um pronome demonstrativo nulo ‘essas’ (16b), porque o tipo de exclamativa, em (1a) ou (16a), está sempre vinculado ao tempo de fala. Ademais, (16c) mostra que a cópula está elíptica, o que evidencia uma análise de *small clause*. Finalmente, (16d) mostra que a estrutura completa é de fato uma sentença exclamativa. Essa sentença possui uma *small clause* cujo predicado (um DP *wh*) fica invertido como resultado de movimento *wh* para o domínio do CP (17a).

- (16) a. Ques paisagem bonita! (Ouro Branco, março de 2016)
- b. Ques paisagem bonita (essas)! (Adaptado de (16a))
- c. Ques paisagem bonita (é essas)! (Adaptado de (16a))
- d. Ques paisagem bonita (que é essas)! (Adaptado de (16a))

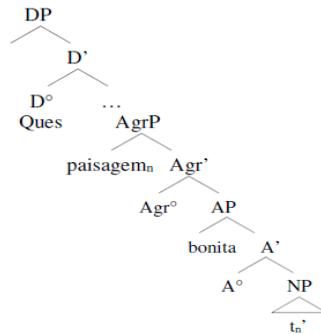
Como representado no diagrama (17a), o DP ‘ques paisagem bonita’ alça da *small clause* para Spec,CP a fim de checar força exclamativa. Além disso, no diagrama (17b),¹⁴ é possível visualizar que, dentro do DP, ‘ques’ é inserido por *merge* em D.

¹⁴ De acordo com Cinque (2005), os modificadores são gerados em uma ordem fixa pré-nominal, qual seja, Dem > Num > A > N. Assim, as diferentes ordens atestadas nas línguas resultam do movimento da projeção máxima NP (e não do núcleo) para posições de Spec em categorias funcionais (AgrP) geradas acima dos modificadores. As categorias AgrP, geradas acima de cada projeção funcional, são justificadas por Cinque (2005, p.325-326), pois o licenciamento do traço que caracteriza o item como pertencente à estrutura nominal pode se dar simplesmente a partir do *merge* de Agr ou a partir do movimento do NP para Spec,AgrP. Em (17b), o NP ‘paisagem’ é alçado por cima do AP ‘bonita’ para Spec,AgrP, o que explica a posição pós-nominal do adjetivo.

(17) a. Para o CP em (16a)



b. Para o DP em (16a)

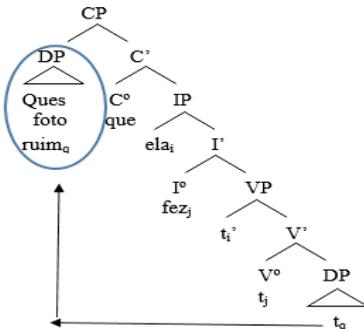


Fonte: Elaborado pela autora.

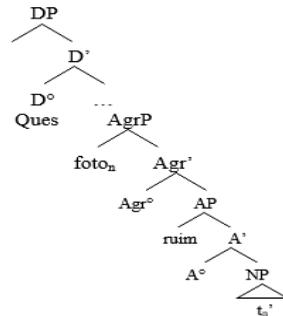
Que essa estrutura é uma sentença exclamativa com um DP *wh* alçado a CP pode ser também observado (18a). Nesse dado, o DP *wh* não é predicado de uma *small clause*; ao contrário, ele é argumento interno do VP e alça para Spec,CP, como representado em (18b).

(18) a. Ques foto ruim que ela fez! (Ouro Branco, fevereiro de 2016)

b. Para o CP em (18a)



c. Para o DP em (18a)



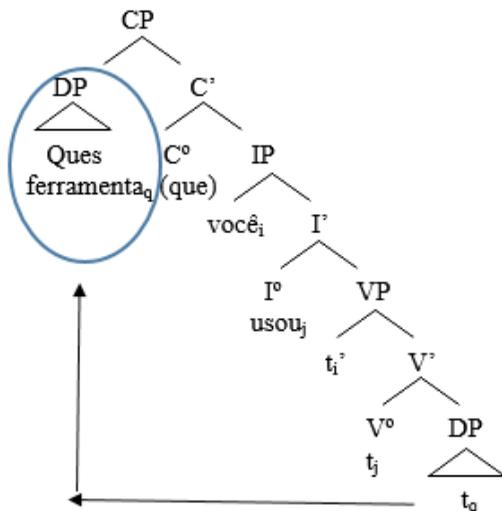
Fonte: Elaborado pela autora.

Exclamativas e interrogativas com ‘ques’ em português brasileiro dialetal

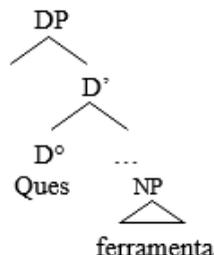
A derivação, em (18b), para a sentença exclamativa (18a), é basicamente a mesma derivação, em (19b), para a sentença interrogativa (2a), repetida abaixo como (19a). A única diferença é que, em (2a) ou (19a), o movimento *wh* se deve à força ilocucionária interrogativa em vez de exclamativa.¹⁵

19) a. Ques ferramenta você usou? (Belo Horizonte, abril de 2014)

b. Para o CP em (19a)



c. Para o DP em (19a)



Fonte: Elaborado pela autora.

A análise proposta também abrange *small clauses* (20a) contendo simultaneamente: um DP explícito ('essas banana'), na posição de sujeito, com um pronome dêitico seguido de nome (20b); e um outro DP explícito ('ques fresquinha'), na posição de predicado, com um nome nulo (20c).¹⁶

¹⁵ Força ilocucionária é um traço forte em exclamativas com 'ques', porque o DP *wh* não pode permanecer *in situ* em exclamativas (i), em contraste com interrogativas (ii).

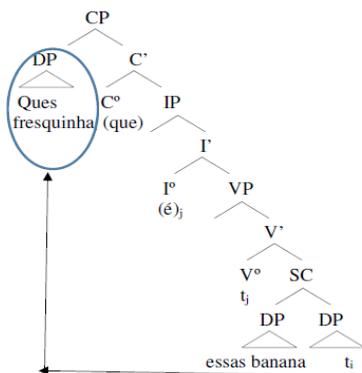
(i) *Ela fez ques foto ruim!

(ii) Você usou ques ferramenta?

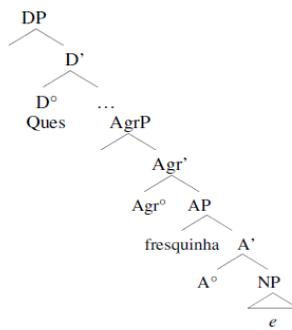
¹⁶ Com efeito, (20a) pode ter um nome explícito no lugar do nome nulo: "Ques (fruta) fresquinha essas banana!". Quando

(20) a. Ques fresquinha essas banana! (Perdões, janeiro de 2015)

b. Para o CP em (20a)



c. Para o DP predicado em (20a)

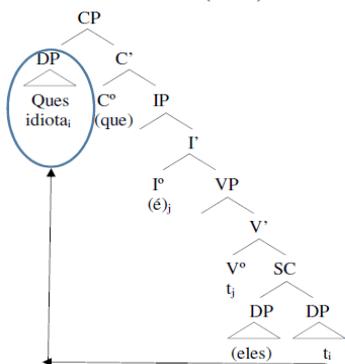


Fonte: Elaborado pela autora.

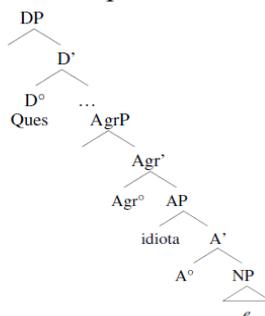
Além disso, a análise proposta também abrange *small clauses* contendo somente o predicado com um nome nulo,¹⁷ como exemplificado em (21a) e representado em (21b) e (21c).

(21) a. Ques idiota! (Belo Horizonte, maio de 2016, uma menina grita a frase para um grupo de garotos)

b. Para o CP em (21a)



c. Para DP predicado em (21a)



Fonte: Elaborado pela autora.

explicito, esse nome se move para Spec,AgrP de modo a derivar a ordem pós-nominal do adjetivo na estrutura interna do DP.

17 (21a) pode ter um nome explícito no lugar do nome nulo, como em: “Ques (menino) idiota!”.

Dessa forma, a proposta assumida para exclamativas e interrogativas com ‘ques’ está alinhada com: a análise de Kato (2007) para *small clauses* livres e a análise de Mioto (2001) para questões ‘Wh que’.

Por exemplo, uma estrutura oracional é postulada tanto em (17a) quanto em (15b), com uma diferença, porém. Na análise de Kato (2007), trata-se de uma estrutura oracional cindida (14b), mas não na análise de (17a). De acordo com Mioto (2001), interrogativas cindidas com ‘Wh é que’ (22b) e interrogativas com ‘Wh que’ (22a) não têm a mesma estrutura, sendo (22a) derivado em (23).

(22) a. O que que a Maria viu? (MIOTO, 2001, p. 116)

b. O que é que a Maria viu? (MIOTO, 2001, p. 117)

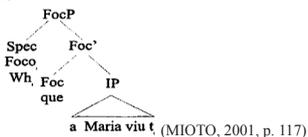
(23) [_{FocP} [O que]_i Foc^{que} [_{IP} a Maria viu t_i]].¹⁸ (Adaptado de MIOTO, 2001, p. 117)

Mioto (2001, p. 118) explica que:

As sentenças exclamativas servem de suporte adicional para a hipótese de que Wh *é que* e Wh *que* não são estruturalmente equivalentes porque não é possível derivar [(24a)] de [(24b)] em vista da agramaticalidade desta última.

Dessa observação, vale destacar que exclamativas, como aquelas em (16d) e (18a), também são agramaticais em estruturas cindidas, respectivamente, em (24c) e (24d).

18



- (24) a. Que saudade que eu tenho da Bahia! (MIOTO, 2001, p. 118)
b. *Que saudade é que eu tenho da Bahia! (MIOTO, 2001, p. 118)
c. *Ques paisagem bonita é (que é essas)! (Adaptado de (16d))
d. *Ques foto ruim é que ela fez! (Adaptado de (18a))

Portanto, a análise proposta para exclamativas com ‘ques’ (17a) é paralela àquela (15b) proposta por Kato (2007), porque ambas predizem: primeiro, uma *small clause*, mas não uma estrutura cindida, como explicado acima; segundo, uma posição de predicado, que, na análise de Kato (2007), é preenchida por um AP e, na análise aqui proposta, por um DP contendo um determinante *wh*; terceiro, o movimento do predicado de uma *small clause* para uma projeção funcional, que, na análise de Kato (2007), é uma FP (que pode ou não ser o CP) e, na análise aqui proposta, é o domínio do CP.

Além disso, a análise aqui proposta para interrogativas com ‘ques’ é também paralela à de Miotto (2011) para interrogativas do tipo ‘*Wh que*’. Comparando (23) com (19b), a diferença é que, em (19b), a projeção funcional interna ao CP para a qual o DP *wh* se move não é especificada.

Finalmente, na comparação de (19b) com (18b), pode-se observar que a mesma análise aplicada a interrogativas (19b) é estendida a exclamativas (18b). Além disso, comparando as exclamativas (18b) e (17a), pode-se observar que, em (18b), o DP *wh* se move da posição de argumento interno do VP, em vez da posição de predicado de uma *small clause* (17a). Semelhantemente, na comparação entre as interrogativas (19b)

e (9a), podem-se observar essas duas posições de *merge*: em (19b), o DP *wh* se move da posição de argumento interno do VP e não do predicado de uma *small clause* (9a). Portanto, embora a posição de *merge* do DP *wh* possa ser diferente tanto nas exclamativas (17a, 18b) quanto nas interrogativas (9a, 19b), a posição alvo é a mesma (o domínio do CP).

Em suma, ‘ques’ é um núcleo que checa traços- ϕ em D. O DP ao qual ele pertence alça, para o domínio do CP,¹⁹ a partir de duas posições diferentes: o predicado de uma *small clause* (1a) ou o complemento de VP (2a). Por essa razão, o DP fica invertido na ordem sentencial linear. Esse movimento é desencadeado por força ilocucionária, tanto nas exclamativas (1a) quanto nas interrogativas (2a).

2 A distribuição do morfema de plural na estrutura interna do DP

Esta seção, primeiramente, apresenta uma abordagem sobre os cardinais, que são analisados como uma fronteira na distribuição dos traços de plural na estrutura interna do DP (2.1); e, posteriormente, mostra que essa predição se aplica aos dados sob investigação, o que explica por que ‘que’ é marcado com o morfema de plural enquanto os outros elementos do DP são não marcados (2.2).

¹⁹ Em consideração ao fato de que o CP é um domínio rico em projeções funcionais, tais como: Force, Focus, Topic, Finiteness (RIZZI, 1997), é importante deixar claro que, ao usarmos o termo CP, em vez de FocusP ou ForceP, deixamos, em aberto, a questão sobre qual é exatamente a projeção funcional para a qual o DP *wh* se move na cartografia do CP. De acordo com Mioto (2001), em questões *wh*, essa projeção é FocusP (23).

(23) [_{ForceP} [O que]_{i,Focus} que [_{IP} a Maria viu *t*]]. (Adaptado de MIOTO, 2001, p. 117)

2.1 Posição de cardinais como fronteira sintática para a marcação de plural no interior do DP

Em Pereira (2017), com base em Danon (2011) e Norris (2014), defendeu-se que²⁰ a distribuição do morfema de plural, na estrutura do DP, em PB não padrão, é explicada pela posição do numeral cardinal na hierarquia do DP. Assim, ele divide o DP em dois domínios, sendo que sintagmas à esquerda do cardinal são marcados com o morfema de plural, e sintagmas à sua direita são não marcados. Nesta seção, mostra-se que essa predição se aplica a estruturas com ‘ques’.

Conforme observado por Danon (2011, p. 301), em muitas línguas, a distribuição dos traços de número plural é determinada pela posição dos cardinais na estrutura do DP. Por exemplo, no finlandês (25), “um traço de número (plural) está disponível somente acima da posição do numeral”²¹ (DANON, 2011, p. 302, tradução nossa). Além disso, Norris (2014) apresenta exemplos do estoniano (26) em que “material à esquerda do numeral é plural, e material à direita é singular”²² (NORRIS, 2014, p. 143, tradução nossa).

(25) “Ne kaksi pien-tä auto-a seis-ivat tiellä.

those.PL two.SG small-PART.SG car-PART.SG stand-PAST.3PL road.ADESS

‘Those two small cars stood at the road’ (Brattico 2010)”.
(DANON, 2011, p. 301)

(26) “nee-d viis ilusa-t maja

this-PL.NOM 5.NOM beautiful-PAR house.PAR

‘these five beautiful houses’ (Erelt et al. 1993b:143)”.
(NORRIS, 2014, p. 144)

²⁰ Uma versão dos dois primeiros parágrafos desta seção consta também em Pereira (2018, p. 23-24).

²¹ “a (plural) number feature is only available above the position of the numeral” (DANON, 2011, p. 302).

²² “material to the left of the numeral is plural, and material to the right is singular” (NORRIS, 2014, p. 143).

Portanto, em várias línguas, a distribuição de traços de número no DP é determinada pela posição do numeral cardinal. Essa explicação se aplica também ao PB não padrão. Por exemplo, em (27), a posição de NumP no DP funciona como uma clara fronteira na qual se permite que sintagmas situados acima dessa posição sejam marcados com o morfema de plural, e sintagmas localizados sob seu domínio de c-comando sejam não marcados.

(27)

- | | |
|------------------------------|---|
| a. Os único balde vermelho | a'. Os dois único balde vermelho |
| b. Os únicos balde vermelho | b'. Os únicos dois balde vermelho |
| c. *O únicos baldes vermelho | c'. *O dois únicos baldes vermelho |
| d. *O único baldes vermelhos | d'. *O único dois baldes vermelhos |

Em (27a, a'), D está à esquerda do cardinal 'dois'. Como resultado, somente D é marcado com o morfema de plural, enquanto sintagmas à direita do numeral não recebem essa marca. Em (27b, b'), D 'os' e o adjetivo 'únicos' estão à esquerda do cardinal, o que explica o fato de ambos serem marcados com o morfema de plural, enquanto o que está à direita do cardinal não é marcado. Em contraste, (27c, c') e (27d, d') são agramaticais seja (i) porque sintagmas localizados à esquerda do cardinal não estão marcados com o plural quando deveriam estar, seja (ii) porque sintagmas localizados à direita do cardinal estão marcados com o plural quando não deveriam estar.

Portanto, (27) se comporta conforme a proposta de Danon (2011) e Norris (2014) segundo a qual o cardinal se constitui como uma fronteira na distribuição da marca de plural no DP.

2.2 A marcação de plural em DPs contendo ‘ques’

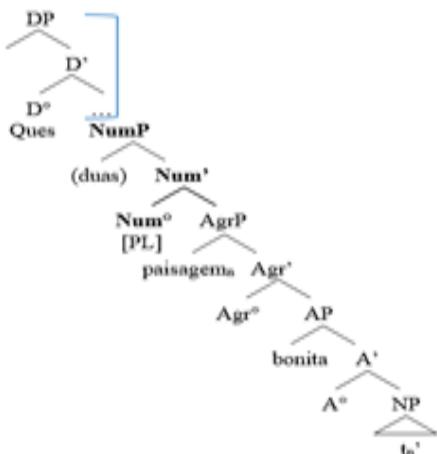
Com base no que foi explicado, pode-se retomar as estruturas com ‘ques’ (1a, 2a), repetidas abaixo como (28a, 29a). Internamente ao DP, ‘ques’ está em um sintagma localizado à esquerda do numeral, como representado em (28b, 29b). Como resultado, o determinante ‘ques’ está marcado com o morfema de plural, enquanto constituintes à direita do numeral, ‘paisagem’ e ‘bonita’, em (28a), e ‘ferramenta’, em (29a), são plurais não marcados.

(28) a. Ques (duas) paisagem

bonita!

(Adaptado de (1a))

b. Para o DP em (28a)

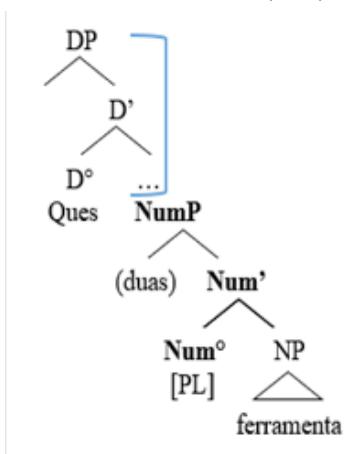


(29) a. Ques (duas) ferramenta

você usou?

(Adaptado de (2a))

b. Para o DP em (29a)



Fonte: Elaborado pela autora.

Um último aspecto sobre a distribuição do morfema de plural em estruturas com ‘ques’ precisa ser evidenciado. Mesmo em dados nos quais o falante tem intenção de parecer formal, é

possível encontrar ‘ques’. Entretanto, nesses casos, o morfema de plural é marcado em cada um dos constituintes do DP, como se segue:

- (30) a. Ques números são esses que o Fernando está olhando?
(Belo Horizonte, janeiro de 2016)
- b. Sua noiva dá aula pra ques cursos? (Belo Horizonte, abril de 2014)
- c. Ques panos mais vistosos, ques coisas mais em flor...²³
- d. Ques rodas enferrujadas!²⁴

Portanto, nesse dialeto, mesmo em situações nas quais a forma conservadora não flexionada ‘que’ seria esperada, a forma flexionada ‘ques’ pode aparecer exatamente como qualquer outro determinante do PB padrão, flexionado e dentro de um DP no qual todos os constituintes são marcados com o morfema de plural.

Considerações finais

Neste artigo, analisaram-se exclamativas e interrogativas com ‘ques’ no PB, especialmente no dialeto falado em Minas Gerais. Nessa análise, forneceu-se às estruturas acima mencionadas uma explicação para sua derivação sintática e para as razões por que ‘ques’ é marcado com o morfema de plural, enquanto os demais constituintes do DP não são.

23 Excerto de romance de Autran Dourado *Uma vida em segredo*. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9595/1/2014_JanaMeloAraujo.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2016.

24 Canal High Torque, Belo Horizonte (MG). O dado pode ser ouvido no minuto 21'14" do vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cte7Ez4YPkk>>. Acesso em: 4 jul. 2016. Agradecemos ao Marcus Vínicius por enviar esse vídeo e outros dados de Belo Horizonte e cidades ao redor.

Para a derivação sintática, assume-se, seguindo propostas vigentes, que ‘ques’ é um determinante e, portanto, um núcleo D. No que se refere a sentenças interrogativas como (2a), o DP ao qual ‘que’ pertence passa por movimento *wh* da posição de argumento interno do VP para o domínio do CP. No que se refere a sentenças exclamativas como (1a), assume-se que o DP se move da posição de predicado de uma *small clause* para o domínio do CP. Em ambos os casos, o movimento se dá por força ilocucionária.

Para a distribuição do morfema de plural, várias línguas evidenciam que a posição do cardinal divide o DP em dois domínios, sendo que sintagmas à sua esquerda são marcados com o morfema de plural, enquanto sintagmas à sua direita são não marcados. Essa predição se aplica ao PB não padrão em geral e a dialetos que têm flexão de ‘que’. Como resultado, porque ‘ques’ é o único item mais alto que o cardinal nessas estruturas, ele é o único marcado com o morfema de plural.

Em conclusão, neste artigo, desenvolveu-se uma análise capaz de explicar: primeiramente, a estrutura oracional (CP) à qual o DP contendo ‘ques’ pertence; posteriormente, a hierarquia do DP; e, finalmente, a distribuição do morfema de plural na estrutura interna do DP.

Referências

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: Kenstowicz, Michael (ed.). **Ken Hale: a life in language**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001. p. 1-52.

CINQUE, Guglielmo. Deriving Greenberg’s Universal 20 and its exceptions. **Linguistic Inquiry**, v. 36, n. 3, p. 315-332, 2005.

DANON, Gabi. Agreement and DP-Internal Feature Distribution. *Syntax*, v. 14, n. 4, p. 297-317, 2011.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. Brigham Young University, Georgetown University, 2006. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/>>. Acesso em: 4 maio 2016.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KATO, Mary. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. *DELTA*, v. 23, n. esp., p. 85-111, 2007.

MIOTO, Carlos. Sobre o sistema CP no português brasileiro. **Revista de Letras**, Curitiba, n. 56, p. 97-139, 2001.

NORRIS, Mark. **A theory of nominal concord**. 2014. 276 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Santa Cruz, 2014.

NUNES, Jairo. Triangulismos e a sintaxe do português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba; KATO, Mary (org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 25-34.

PEREIRA, Bruna K. Exclamativas com ‘que+s’: checagem de traços em C e D. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALFAL, 17., 2014, João Pessoa. **Anais ...** João Pessoa: UFPB, 2014. p. 2750-2760.

PEREIRA, Bruna K. The DP-internal distribution of the plural morpheme in Brazilian Portuguese. **MIT Working Papers in Linguistics** (Papers on Morphology, edited by Snezana Iovtcheva and Benjamin Storme), v. 81, p. 85-104, 2017.

PEREIRA, Bruna K. NumP e *silent nouns*: Fronteiras sintáticas na marcação de plural no PB. **Revista da ANPOLL**, v. 1, p. 18-39, 2018.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (ed.). **Elements of grammar**: handbook of generative syntax. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers, 1997. p. 281-337.

ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Anna. **Syntactic change**: a minimalist approach to grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SIBALDO, Marcelo. Sobre a estrutura interna das *Small Clauses* livres do português brasileiro. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 231-240, 2011.

VIDOR, Deise; MENUZZI, Sérgio. Pronomes como determinantes: algumas propriedades do elemento interrogativo ‘que’ em português brasileiro. **Leitura**, Maceió, v. 33, p. 65-86, 2004.

ZANUTTINI, Raffaella; PORTNER, Paul. Exclamative clauses: at the syntax-semantics interface. **Language**, v. 79, n. 1, p. 39–81, 2003.